

ARQUITETURA COM TERRA DE SERGIPE: DA ECONOMIA AÇUCAREIRA ATÉ A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL PARA ARACAJU (1855)

Steffany do Nascimento Costa¹

Vanessa Andrade Bispo²

Leonardo Ribeiro Maia³

Arquitetura e Urbanismo



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A arquitetura com terra foi desenvolvida em Sergipe com a chegada dos portugueses e espanhóis no século XVI. Durante o apogeu da economia açucareira (século XVIII), os grandes engenhos de cana-de-açúcar e casarões coloniais foram símbolo da arquitetura e construção com terra de qualidade. Após a transferência da capital para Aracaju (1855) e uma série de ações políticas, as técnicas construtivas com terra foram precarizadas, relegadas a pequenas edificações malfeitas e inseguras nas zonas rurais. O objetivo desta pesquisa é revelar a importância das edificações como parte do testemunho histórico e base do conhecimento da tecnologia construtiva que utiliza a terra como material de construção; avaliar os valores históricos, artísticos, estéticos e tecnológicos dessas construções, compreendendo os significados das arquiteturas tradicional, popular, vernácula e a autoconstrução como manifestações socioculturais do povo sergipano; catalogar as obras para salvaguardar esse patrimônio e valorizar a cultura construtiva com a divulgação do conhecimento. A partir do levantamento bibliográfico sobre a história e arquitetura de Sergipe foram elencadas edificações e realizadas visitas técnicas. As edificações foram classificadas cronológica e espacialmente, indicando o estado de conservação, contexto histórico e técnicas utilizadas.

PALAVRAS-CHAVE

Terra. Patrimônio. Aracaju(SE). Tecnologia Construtiva.

ABSTRACT

In Sergipe earthen architecture was developed after the Portuguese and Spanish arrived in the 16th century. During the heyday of the sugar economy (18th century), the sugar cane mills and colonial mansions were a symbol of good earthen architecture and construction. After the transfer of the capital of São Cristóvão to Aracaju, in 1855, political actions influenced the restriction of construction techniques with earth. This research presents buildings that use earth as construction material, as part of the historical testimony and knowledge base of construction technology in Sergipe; evaluates historical, artistic, aesthetic and technological values through understanding the meanings of traditional, popular, vernacular architecture and self-construction, as socio-cultural manifestations; catalog the constructions to safeguard this heritage and value the constructive culture with the dissemination of knowledge. From the bibliographical survey on the history and architecture of Sergipe, buildings were cataloged and technical visits were made. The buildings were classified chronologically and spatially, indicating the state of conservation, historical context and techniques used.

KEYWORDS

Earth. Heritage. Aracaju(SE). Constructive techniques.

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento sobre as técnicas construtivas com terra ressalta a importância do uso desse material como uma opção adequada ao clima nordestino pela sua propriedade de inércia térmica, bem como a facilidade de execução e viabilidade econômica. Em Sergipe, a taipa de mão e adobe são técnicas que fizeram parte da tradição construtiva iniciada com a chegada dos povos ibéricos no século XVI. No período colonial, a arquitetura com terra foi desenvolvida nas primeiras capelas das missões jesuíticas, ascendeu no apogeu da economia açucareira e nas casas populares. No século XIX, essa técnica construtiva foi restringida em favor da utilização de outras técnicas construtivas como alvenaria de pedra ou tijolo convencional, principalmente, por meio de ações governamentais de proibição e erradicação de edificações construídas com terra.

Este artigo tem o objetivo de reconhecer as edificações construídas com terra como parte da parte do testemunho histórico e base do conhecimento da tecnologia construtiva que utiliza a terra como material de construção, além da cultura de Sergipe (entendida, de forma geral, como representação de práticas populares). Revela a importância desses edifícios por meio da compreensão das influências étnicas que contribuíram na arquitetura e construção do Estado e no desenvolvimento de um acervo para documentação e publicação dos resultados obtidos.

Neste estudo, focaremos na importância histórica e sociocultural da arquitetura feita com terra localmente, avaliando os valores históricos, artísticos, estéticos e tecnológicos dessas construções e compreendendo os significados das arquiteturas tradicionais, populares, vernácula e a autoconstrução como manifestações socioculturais do povo sergipano. E, por fim, catalogar as obras para salvaguardar esse patrimônio e valorizar a cultura construtiva com a divulgação do conhecimento.

As construções que utilizaram da terra, com ou sem outros materiais agregados, contam uma parte da história da formação e dos povos que chegaram em Sergipe. Cada grupo étnico que passou pelo Estado deixou alguma característica do seu povo e, logo, a cultura construtiva foi ampliada. Reconhecer a importância dessas construções como testemunho histórico das tecnologias construtivas em Sergipe é importante para entender a história do lugar. Além disso, colabora para ressaltar as vantagens de se construir com terra tanto no viés ambiental como na preservação do patrimônio cultural do estado.

Inicialmente, a pesquisa bibliográfica teve como foco entender, cronológica e espacialmente, a história da formação de Sergipe, tanto em relação aos povos que viveram no estado quanto a influência na forma que eles construíam suas moradias, engenhos, fábricas, entre outras edificações. Os primeiros povos a serem estudados foram os originários de Sergipe, pois já habitavam o território sergipano antes da chegada dos povos ibéricos que, em paralelo aos originários, foram estudados e analisados para organizarmos numa cronologia da inserção das técnicas construtivas no estado. Além desses dois grupos, analisamos outros grupos que viveram em Sergipe: os holandeses, os africanos e os italianos.

Para valorizar e ampliar a utilização da cultura construtiva, é necessário discutir conceitos comumente utilizados na construção com terra, a exemplo de arquitetura tradicional, popular, vernácula e autoconstrução. Esses conceitos são frequentemente confundidos e, de maneira equivocada, são resumidos – por grande parte da população – a casa de taipa ou barro, tratados como algo pejorativo que abrange construções irregulares, inacabadas e vulneráveis. Por isso, há a necessidade de discutir esses temas e divulgá-los de modo didático para toda a comunidade – científica e popular – assim, facilitando o entendimento e uma possível ampliação do uso da terra como material construtivo.

2 ARQUITETURA TRADICIONAL, POPULAR, VERNÁCULA E AUTOCONSTRUÇÃO

Os conceitos de arquitetura tradicional, popular, vernácula e autoconstrução são bastantes discutidos por terem semelhanças entre si e causando – entre autores que abordam esse tema – controvérsias ao defini-los e empregá-los nas discussões. Não há uma definição mais correta que outra, mas convém definir o viés conceitual em que a pesquisa se baseará para tratar as questões abordadas.

Ao discutir sobre o que é arquitetura, Lúcio Costa (1962 apud LEMOS, 1994) afirma que a construção, enquanto apenas satisfação das exigências técnicas, funcionais e decorativas não é ainda arquitetura. Torna-se arquitetura quando quem idealizou – popular ou erudito – reflete sobre os cheios e vazios, a fixação dos volumes e subordinação deles a uma lei e se atenta ao seu valor expressivo. Isso tudo ao se somar

com preceitos técnicos e funcionais, proporciona unidade, clareza, expressão e ritmo à construção, transformando-a em arquitetura. Logo, a arquitetura é a forma plástica, técnica e funcional como produto da essência e características de quem a idealiza.

Segundo Unwin (2013), a arquitetura envolve muito mais do que projetar edificações, está diretamente relacionada a uma organização conceitual e estrutura intelectual, ela muda e evolui à medida que novas formas de identificar lugares são inventadas ou aprimoradas. Tal definição pode ser aplicada desde simples edificações rústicas até conjuntos urbanos formais e edifícios grandiosos.

Ao tratar sobre a autoconstrução, Rudofsky (1964), busca esclarecer algumas colocações acerca desse mundo arquitetônico. Segundo o autor, é tão pouco conhecido que nem sequer temos um nome. Por falta de uma etiqueta genérica, chamaremos de vernacular, anônima, espontânea, indígena, rural, conforme o caso (tradução nossa). Ele afirma que o pouco conhecimento produz uma visão distorcida causada pela escassez de documentos, visuais ou não, sobre essas construções.

2.1 ARQUITETURA TRADICIONAL

A arquitetura tradicional deriva da aplicação efetiva da tradição construtiva e do conhecimento empírico, baseada na transmissão do conhecimento entre gerações. Explora principalmente peculiaridades regionais que utilizam recursos locais, como resposta ambiental e evento cultural. Além disso, pode-se permitir investimentos mais significativos, aplicados por estratos sociais mais elevados e adquirir, portanto, uma conotação monumental. Uma parcela significativa da arquitetura tradicional pode ser considerada vernácula e popular (CARLOS *et al.*, 2015).

De acordo com Unwin (2013), a arquitetura tradicional está relacionada a lugares que, por meio da familiaridade e do uso, passaram a identificar as percepções e expectativas dos seus usuários. "A arquitetura é realizada por e para pessoas, que têm necessidades e desejos, crenças e aspirações; que têm sensibilidades estéticas afetadas pela sensação de calor, tato, olfato, som, bem como por estímulos pessoais" (UNWIN, 2013, p. 23). Essas percepções refletem no conjunto de formas e técnicas validadas por experimentações antecedentes, que são repetidas e modificadas de acordo com os objetivos de determinado grupo ou região.

2.2 ARQUITETURA POPULAR

A arquitetura popular é oposta à aplicação do conhecimento científico e à expressão monumental da arquitetura. É uma arquitetura sensível aos valores regionais, no entanto sobrepõe a otimização econômica a qualquer outro parâmetro ambiental. Geralmente sua implementação é realizada pelos próprios usuários que produzem edificações modestas. Por requerer uma despesa mínima, é comum utilizar-se de materiais e meios de construções precários, podendo incluir todos os tipos de edifícios atuais, dotados das condições mencionadas. Esses materiais e técnicas construtivas podem ou não ser da

região onde são aplicados, isso resulta num distanciamento de princípios entre a arquitetura popular e vernácula e, conseqüentemente, da tradicional (CARLOS *et al.*, 2015).

Segundo Weimer (2005), a arquitetura popular está relacionada ao que é próprio das camadas intermediárias da população, excluindo a arquitetura caracterizada como erudita. As técnicas construtivas utilizam materiais fornecidos pelo meio ambiente empregados de forma simples. Faz parte de um conhecimento passado entre gerações, que pode ser adaptado a novos recursos sem deixar de expressar a origem a que pertence. A forma plástica da arquitetura popular é o resultado da técnica e dos materiais utilizados, podendo obter resultados autênticos, mas quase sempre pode ser o resultado da imitação da arquitetura erudita de uma forma adaptada às condições pré-existentes.

2.3 ARQUITETURA VERNÁCULA

Esse termo refere-se às edificações específicas em um determinado contexto geográfico, em resposta aos ambientes físico e cultural. Isso significa que se utiliza de técnicas e processos locais ao construir, dando origem a modelos tipológicos específicos de uma região. Além disso, o termo não é mais usado como um processo de construção primitivo e, sim, foi aproximado aos conceitos de arquitetura regional ou autóctone (RAPOPORT, 1972).

Segundo Weimer (2005), o termo vernáculo originalmente é designado ao escravo nascido na casa do senhor; com o tempo ganhou o significado de algo que é próprio de um país ou região, portanto, a arquitetura vernácula seria caracterizada pelo uso de materiais e técnicas construtivas locais, mas de acordo com o autor é um adjetivo mal-empregado na arquitetura. Isso é, Weimer acredita que o termo mais apropriado seria arquitetura popular, pois designa aquilo que é próprio das camadas intermediárias da população.

Nesta pesquisa adotaremos que toda arquitetura vernácula é sempre tradicional, pois caracteriza-se por possuir traços específicos de uma determinada comunidade e sua região, a exemplo do uso de materiais locais, renováveis e adaptáveis ao clima.

2.4 AUTOCONSTRUÇÃO

Há um mundo desconhecido da arquitetura que não é dominada, a qual nem sequer tem um nome e acaba sendo denominada genericamente de vernácula, anônima, espontânea ou rural e, como consequência da escassez de documentos – visuais ou não – tem-se uma visão distorcida dessa arquitetura (RUDOFISKY, 1964).

A autoconstrução de habitações possui diversas denominações, como as que são popularmente conhecidas como casas domingueiras, casas de periferia, casas próprias autoconstruídas, casas de mutirão. A característica básica dessa forma de construir é que sejam edificadas sob gerência direta de seu proprietário e morador que traça, sem apoio técnico, um esquema de construção e em seguida ergue a casa (BONDUKI, 1998). Pode-se considerar a autoconstrução, sendo a aplicação da técnica e da arte com traços culturais de quem a constrói.

Portanto, a autoconstrução é uma forma de produzir a arquitetura e não o produto em si. O produto da autoconstrução assemelha-se ao conceito de Lucio Costa (1952) da arquitetura como a construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de um determinado meio, época, técnica e programa. Apesar de ser construída pelos moradores, há a aplicação de uma técnica que varia de acordo com a época da construção, embora não haja uma supervisão técnica profissionalizada, existe um planejamento para preencher os cheios e vazios do espaço onde a expressão cultural dos moradores se sobressai.

3 INFLUÊNCIAS DA FORMAÇÃO ÉTNICA NA CULTURA CONSTRUTIVA DE SERGIPE

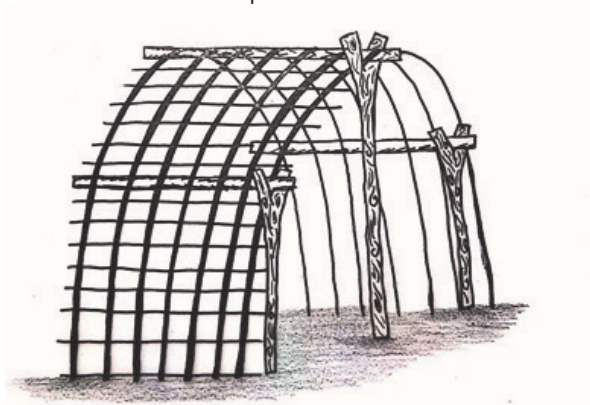
Ao tratar sobre a arquitetura com terra em Sergipe é essencial saber quando e por quem foi iniciada a construção com esse material no Estado. Foi feita uma pesquisa objetivando entender a formação construtiva e étnico-cultural de Sergipe, desde os povos originários até os mais recentes estrangeiros que chegaram em terras sergipanas.

3.1 POVOS ORIGINÁRIOS

Há registros indicando que o território que compõem o estado de Sergipe seja habitado há mais de 9.000 a.C. Os primeiros a ocuparem esse território foram os povos das Culturas Canindé, Aratu e Tupi-Guarani. Uma das características das casas tradicionais dos povos originários é sua construção com materiais vegetais, acessíveis nas redondezas de Sergipe (CARVALHO, 2003).

Os Tupinambás (povos Tupi) buscavam se estabelecer em regiões secas e em terras frias, edificando suas aldeias próximo às matas, de onde tiravam materiais como paus, palhas e fibras para construção das malocas (FIGURA 1) (CARVALHO, 2003; DANTAS, 1991).

Figura 1 – Estrutura da maloca dos Tupinambás



Fonte: Autoras (2019).

Na busca acerca dos traços culturais arquitetônicos dos povos originários não foram encontradas edificações construídas com terra antes do contato com os povos ibéricos.

3.2 POVOS IBÉRICOS

Em 1575, os portugueses iniciaram o processo de catequização dos povos originários de Sergipe por meio de missões jesuíticas comandadas pelos padres Gaspar Lourenço e João Salônio, que impuseram a construção de três capelas para o ensino da religião católica. As capelas foram erguidas nas aldeias denominadas pelos portugueses de Aldeia de São Tomé, Aldeia de Santo Inácio e Aldeia de São Paulo (DANTAS, 1991). Segundo Nascimento (1981), era comum que essas capelas fossem construídas em taipa de mão ou de sopapo, com cobertura de palha. A aldeia de São Tomé localizava-se onde atualmente é Santa Luzia do Itanhy, a primeira capela erguida no povoado foi o espaço para a primeira missa jesuítica realizada em Sergipe e, assim, tornou-se um marco de celebrações religiosas no estado, não foram encontrados registros fotográficos dessa edificação.

Como consequência do período de catequização – maior contato entre os povos – houve uma miscigenação de traços culturais e, principalmente, a disseminação da cultura dos portugueses entre os indígenas. Além desses, há a influência espanhola (vieram com os portugueses durante a União Ibérica, entre 1580-1640) na parte plástica da arquitetura de Sergipe, mas não diretamente nos materiais construtivos.

Os jesuítas que chegaram ao Brasil costumavam construir utilizando terra, pedra e cal, tanto edificações religiosas como civis (COSTA, 1941). Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1943, a Casa de Tejupeba e Capela do Colégio, em Itaporanga d'Ájuda (FIGURAS 2 e 3), foram as primeiras construções realizadas pelos jesuítas na Colônia Portuguesa na América, e todo seu acervo foi tombado em 1943. Elas foram construídas com uma mistura de materiais, mas sua vedação foi realizada em taipa de mão, evidenciando a inserção do uso da terra pelos portugueses logo nas suas primeiras construções em Sergipe.

Figuras 2 e 3 – Casa de Tejupeba e Capela do Colégio em Itaporanga d'Ájuda



Fonte: Autoras (2020).

A indústria do açúcar possibilitou, no século XVII, em grande escala, a construção de raros exemplares da arquitetura religiosa e civil. Isso foi possível pelas várias doações de terras feitas aos jesuítas – e outros grupos religiosos, como carmelitas e franciscanos – para a edificação dos seus templos. No século XVII, os jesuítas impulsionaram a construção de capelas nas zonas rurais e, frequentemente, essas edificações eram feitas de taipa de mão (NASCIMENTO, 1981).

Portanto, pode-se concluir que houve o uso das técnicas construtivas com terra pelos ibéricos (especialmente a taipa de mão), embora sejam encontradas, com maior frequência, construções jesuíticas que utilizaram pedra e cal. As principais técnicas utilizadas eram as técnicas mistas (taipa de mão) e adobe.

3.3 POVOS AFRICANOS

Segundo Weimer (2005), podem ser vistas influências das culturas africanas na arquitetura brasileira por meio das contribuições dos bantos e sudaneses, grupos de diferentes etnias africanas que fazem parte dos países de origem dos povos escravizados trazidos ao Brasil (Guiné, Angola e Moçambique).

Os bantos costumavam construir paredes de taipa de mão, utilizado o barro amassado puro ou, preferencialmente, misturado com esterco de vaca por funcionar como inseticida. A vedação poderia ser feita em apenas um lado da parede ou por ambos. Em alguns casos, o acabamento era feito com argamassa de barro fino alisado. Para os sudaneses era comum a construção de paredes em taipa de pilão, adobe ou taipa-de-sopapo. Na taipa de pilão, o barro era misturado com azeite-de-dendê, esterco de vaca ou pó de carvão, socado em caixas de 50x50x100 centímetros (WEIMER, 2005). Em Sergipe, foram encontrados apenas dois exemplares utilizando essa técnica, um deles é a Biblioteca Luminescência de Artes Visuais, localizada em Santa Luzia do Itanhhy (2014) e a outra edificação é a sede da prefeitura de São Cristóvão (1951).

Dentre os povos escravizados que chegaram ao Brasil surgiram grupos que fugiam das fazendas no período da escravidão e formaram comunidades restritas para esses fugitivos (WEIMER, 2005). Essas comunidades ficaram conhecidas por quilombos, sua população é predominantemente negra, baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Em Sergipe, segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), em 2015, existem 31 comunidades quilombolas identificadas pela Fundação Cultural Palmares. Dentre essas comunidades, encontra-se a do Sítio Alto, em Simão Dias, onde as primeiras casas foram executadas com estruturas de madeiras retiradas das matas locais, taipa de sopapo e coberturas de palha. Por meio do Plano Estadual de Habitação de Interesse Social, em Sergipe, foi desenvolvido um projeto de substituição das casas de taipa por novas edificações em alvenaria de blocos e telhas cerâmicas (GOVERNO DE SERGIPE, 2010).

No quilombo urbano Maloca, formado por populações afrodescendentes do interior do estado de Sergipe que migraram para Aracaju em busca de melhores

condições de vida, a partir de 1920, as casas foram construídas com taipa de mão ou sopapo e cobertas por palha. Com o tempo, os próprios moradores reconstruíram as casas com alvenaria convencional. Não foram encontradas evidências de que a escolha da técnica construtiva das primeiras casas tinha relação com a preservação das técnicas ancestrais. Um dos moradores relata que ocorreu um incêndio e que esse foi um dos motivos que incentivaram a substituição da técnica construtiva. Atualmente todas as casas são de alvenaria de tijolos cobertas por telha cerâmica (SANTOS, 2011).

4 METODOLOGIA PARA O ACERVO DAS EDIFICAÇÕES CONSTRUÍDAS COM TERRA EM SERGIPE

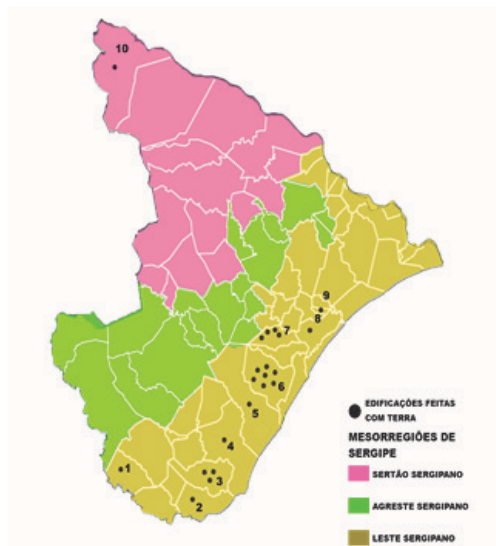
Os resultados desta pesquisa foram obtidos por meio de análises críticas de informações coletadas em registros bibliográficos (livros, artigos, teses acadêmicas, informes disponíveis na internet e documentações técnicas de órgãos de proteção do patrimônio cultural), além de visitas técnicas a algumas cidades de Sergipe para conferir as tecnologias construtivas utilizadas e fazer o registro fotográfico. Além disso, foi feita uma visita ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na cidade de Aracaju, para colher informações de possíveis edificações construídas com terra e tombadas pelo instituto. A busca por essas edificações limitou-se nas cidades de maior apogeu econômico do ciclo da cana: Santa Luzia do Itanhy, Itaporanga d'Ajuda, Estância, São Cristóvão, Laranjeiras, Indiaroba, Santo Amaro das Brotas.

Ao longo de todas essas fases tratadas anteriormente, foi sendo feita uma catalogação das edificações construídas com terra ou com alguma parte que tenha sido feita com esse material.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao listar as edificações construídas com terra em Sergipe, pôde-se perceber uma concentração no leste sergipano, ou seja, no litoral do estado. O mapa (FIGURA 4) ilustra essa distribuição das construções com terra pelo litoral de Sergipe, com exceção apenas do "Museu de Maria Bonita" que se localiza na divisa de Canindé de São Francisco e Paulo Afonso/BA.

Grande parte dessas construções foi executada entre o século XVII e XIX (TABELA 1), enquanto ocorriam embates pelo domínio de território entre os povos que habitavam no Estado. Isso explica a preocupação em estagnar nos litorais, pois havia uma maior facilidade em defender o território por meio das fronteiras por onde novos povos chegavam a Sergipe. As edificações produzidas com terra entre os séculos XVII e XIX são – predominantemente – religiosas, a exemplo das igrejas católicas e dos engenhos de açúcar feitos pelos povos ibéricos. A taipa de sopapo ou taipa de mão foram utilizadas por esses povos.

Figura 4 – Mapeamento de edificações construídas com terra em Sergipe

Fonte: Autoras (2020).

Tabela 1 – Edificações construídas com terra em Sergipe

Total de Edificações: 19			Visitas: 8		
SÉCULO	ANO	DESCRIÇÃO	CIDADE	TÉCNICA	VISITA
17	1601	Engenho Colégio - Casa de Tejupeba	Itaporanga d'Ájuda	Taipa de sopapo	x
17	1632	Engenho São Félix	Santa Luzia do Itanhy	Taipa	x
17	-	Sede do IPHAN	São Cristóvão	Taipa	x
17	1688	Igreja Nossa Senhora do Socorro	Tomar do Geru	Terracota	
19	1750	Engenheiro Caieira	Santo Amaro das Brotas	Taipa	
18	-	Sobrado do Balcão Corrido	São Cristóvão	Taipa	x
19	-	Engenho Boa Vista	Indiaroba	Taipa	
19	-	Antigo Teatro São Pedro	Laranjeiras	Taipa	
19	1878	Engenho Cedro	Santa Luzia do Itanhy	Taipa	
19	-	Sobrado Colonial R. Miranga, 190	Estância	Taipa	x
19	-	Engenho Oitocentas	Rosário do Catete	Taipa de sopapo	
19	-	Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário	Laranjeiras	Pedra cal./taipa de sop.	
19	-	Engenho Cumbe	São Cristóvão	Taipa	
20	-	Casa da Rota do Cangaco	Canindé de São Francisco	Taipa	
20	1988	Casa de Farinha de Tonho	Laranjeiras	Taipa	
20	1970	Centro Espírita Umbandista Pai Aculano	Laranjeiras	Taipa	
20	1951	Sede da prefeitura de São Cristóvão	São Cristóvão	Taipa de pilão	x
21	2014	Biblioteca Luminecências	Santa Luzia do Itanhy	Taipa de pilão	x
-	-	Secretaria Municipal de Planejamento e Finanças	São Cristóvão	Adobe	x

Fonte: Autoras, 2020.

A arquitetura dos povos originários, feita com materiais vegetais encontrados nas redondezas do local de construção, pode ser considerada vernácula e tradicional por utilizar-se de materiais encontrados na própria região e, por serem adaptáveis e adequados ao clima e solo local. Além disso, a consideramos autoconstrução por ser construída pelos próprios habitantes que expressam suas características e conhecimentos empíricos por meio de suas moradias.

As igrejas, casarões e sedes de engenhos de açúcar, em sua maioria, foram construídas com terra, pedra e cal, pois eram as técnicas mais utilizadas pelos povos ibéricos. Nesses casos, observa-se que os materiais utilizados foram extraídos da própria região e são adequados para o clima local, tornando essas edificações vernáculas e, iniciando uma nova arquitetura tradicional em Sergipe.

Em relação aos quilombos encontrados em Sergipe, os primeiros foram feitos com madeiras de matas locais, taipa de mão e palha, sendo assim uma arquitetura vernácula. Esses quilombos foram alterados estruturalmente, pois substituíram o uso da terra e palha pela alvenaria convencional de tijolos cerâmicos. Logo, essas construções são autoconstruções e arquitetura popular, pois embora exista uma sensibilidade aos valores regionais, a prioridade é a otimização econômica com habitações modestas gerenciadas pelos próprios moradores, utilizando-se ou não de técnicas e materiais locais.

No século XIX, foi lançado no município de Aracaju (1856), o Código de Posturas Municipal que visava o embelezamento da cidade. Nesse código, as construções populares foram proibidas dentro do quadrado de Pirro. Em 1966, a Secretaria Municipal de Governo de Aracaju da época, definiu um Código de Obras Municipal proibindo as construções feitas com taipas na ZR-1 e ZR-2. De acordo com a Lei nº 19 de 10/06/1966, essas zonas residenciais tinham como delimitação – aproximada – a atual Zona Central (ZAB, Zona de Adensamento Básico), abrangiam grande parte do centro da cidade, o berço comercial aracajuano onde as construções costumavam ser grandes casarões feitos com alvenaria de blocos e telhas cerâmicas.

6 CONCLUSÕES

Este trabalho apresenta o processo de catalogação do acervo da arquitetura com terra nos municípios de Sergipe, o que o torna uma ferramenta eficiente e acessível para a disseminação da cultura construtiva com terra. Fontes bibliográficas sobre a história de Sergipe foram analisadas e estudadas para compor a catalogação dessas edificações e, por enquanto, foram encontradas edificações construídas com terras em 10 dentre as 75 cidades do Estado. Houve dificuldades para desenvolver o trabalho devido à falta de registros históricos e à crise sanitária do COVID-19 que impossibilitou as visitas técnicas a algumas cidades.

Foi possível identificar a região de Sergipe onde predominam as construções feitas com terra – o leste sergipano – e, inclusive, quais povos as construíram, isso se faz importante para o entendimento da formação étnica e construtiva do Estado. Dados os resultados obtidos, pode-se concluir que esse patrimônio está desaparecendo há algumas décadas, pois há obras incompletas, em ruínas, abandonadas, derrubadas e substituídas por alvenaria de tijolos cerâmicos. Espera-se que com a divulgação desse acervo e dados apresentados, tanto essa parte da história sergipana como as técnicas construtivas com terra possam ser disseminadas e compreendidas pela população.

REFERÊNCIAS

BONDUKI, N. **Origens da habitação social no brasil:** arquitetura moderna, lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade / FAPESP, 1998.

CARLOS, G. D.; CORREIA, M. R.; ROCHA, S.; FREY, P. **Vernacular architecture.** 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299866168_Vernacular_architecture. Acesso em: 30 out. 2020.

CARVALHO, F. L. de. **A pré-história sergipana.** São Cristóvão: UFS, 2003.

COSTA, Lúcio. **Considerações sobre arte contemporânea. Os cadernos de cultura.** Rio de Janeiro: serviço de documentação MÊS, 1952.

DANTAS, B. G.; DINIZ, D. M. de F. L. **Textos para a história de Sergipe.** São Cristóvão: UFS; Aracaju: IHGSE, 1991.

LEMOS, C. A. C. **O que é arquitetura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

NASCIMENTO, J. A. **Sergipe e seus monumentos.** Aracaju: J. Andrade, 1981.

RUDOFISKY, B. **Architecture Without Architects:** a short introduction to non-pedigreed architecture. Garden City, New York: Doubleday & Company Inc, 1964.

SANTOS, F. T. S. E. **Quilombo urbano maloca:** Territorialidade e ressignificação de processos identitários. Natal: UFRN, 2011.

UNWIN, Simon. **A análise da arquitetura.** Porto Alegre: Bookman, 2013.

Data do recebimento: 15 de junho de 2021

Data da avaliação: 21 de junho de 2021

Data de aceite: 21 de junho de 2021

1 Acadêmica em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes – UNIT; Bolsista do PROBIC/Unit (Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Unit). E-mail: steffany.nascimento@souunit.com.br

2 Acadêmica em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes – UNIT.
E-mail: vanessa.andrade@souunit.com.br

3 Mestre em tecnologia da Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – USP; Professor orientador do artigo que foi produzido a partir do programa de Iniciação Científica no período de 2019/2 a 2020/2. E-mail: leonardo.maia@souunit.com.br